

NOTA EDITORIAL

A Ciência Psicológica, tal como as restantes áreas científicas, continuamente revê o seu conhecimento, revendo e modificando-o à medida que vai progredindo. Este é um sinal de pensamento verdadeiramente científico, a capacidade de reconhecer que não chegámos ao fim do nosso conhecimento, que este não é perfeito, mas que necessita de melhorias contínuas, dependendo de toda a comunidade científica.

Todos os autores dos trabalhos apresentados neste número da *Psique* fazem jus a este contributo científico. Por um lado, propondo novos instrumentos adaptados a Portugal, contribuindo assim para um conjunto de ferramentas de diagnóstico que possam ajudar os especialistas em saúde mental no seu precioso trabalho. O valor de um instrumento psicométrico depende de um cuidadoso trabalho de validação e adaptação, envolvendo muito mais que uma mera tradução de palavras, para que de facto consiga medir a realidade dos respondentes.

Contamos ainda com dois trabalhos sobre temas extremamente atuais, a adesão à vacinação COVID e o trabalho por vezes “invisível” dos cuidadores informais de pessoas com demência. Se por um lado já ultrapassámos (aparentemente) o pico da COVID-19, compreender os fatores que levam a população em geral a rezeir a vacinação, num mundo globalizado e com grande acesso à informação (científica e não científica), pode informar-nos sobre a melhor forma de gerir informação credível que possa proteger-nos a todos.

Numa sociedade cada vez mais envelhecida e individualista, a probabilidade de desenvolver demência é cada vez maior. Frequentemente assentará nos braços de cuidadores informais o cuidado de alguém possivelmente próximo e significativo, que vai perdendo as suas faculdades, e de certa forma, transformando-se noutra pessoa. A dor da perda pode começar muito antes da morte física, não sendo só a pessoa com demência que ficará incrementalmente mais doente. Cuidar da saúde é também prevenção, pelo que conhecer esta realidade relativamente recente poderá informar sobre práticas e políticas importantes.

Finalmente contamos ainda com um artigo que nos ajuda a recordar que a divisão artificial (apesar de frequentemente necessária) entre a dimensão psicológica e física, recordando-nos que somos uma unidade que funciona de forma verdadeiramente holística. Ao escolhermos focar num aspeto, não deveremos esquecer-nos de que perdemos sempre alguma informação, e exercícios de integração não são simples, mas são certamente valiosos.

Obrigada a todos, autores, coordenadores, revisores e editores, que realizaram um esforço colaborativo que teve como fruto este novo número da *Psique*, que tanto nos orgulha.

Luisa Ribeiro
(Co-editor)